

## APRESENTAÇÃO

# 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos

---

Augusto Soares da Silva  
Jan Edson Rodrigues Leite

### A Teoria da Metáfora Conceptual

Há 35 anos, George Lakoff e Mark Johnson iniciaram uma *revolução* nos estudos da metáfora, com a publicação de *Metaphors We Live By* (1980). Surgia a chamada Teoria da Metáfora Conceptual, continuada em muitos trabalhos de Lakoff e seus colaboradores (p. ex. LAKOFF, 1987, LAKOFF; TURNER, 1989, LAKOFF; JOHNSON, 1999) e sintetizada em Kövecses (2002). O estudo seminal de Lakoff & Johnson (1980) representa também um dos pilares da própria Linguística Cognitiva, que emerge no início dos anos 80 e se caracteriza por estudar a linguagem como parte integrante da cognição e manifestação da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento mental e da experiência individual, social e cultural (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, DABROWSKA; DAGMAR, 2015).

A Teoria da Metáfora Conceptual (doravante, TMC), que o próprio Lakoff (1993) também designa como Teoria Contemporânea da Metáfora, assenta em três ideias inovadoras e radicais. Primeiro, a metáfora e também a metonímia são primárias e essencialmente fenômenos do pensamento e não da linguagem e são processos

cognitivos normais e recorrentes e não processos retóricos ou figuras de estilo, pelo que pensamento, linguagem, comunicação e ação são intrínseca e fundamentalmente metafóricos. Segundo, metáfora e metonímia consistem em mapeamentos ou projeções de domínios conceptuais, ora de um domínio noutra distinto (metáfora) ora de um subdomínio noutra dentro de um mesmo domínio (metonímia). Terceiro, metáfora e metonímia fundamentam-se na experiência humana, especialmente na experiência corpórea, sensório-motora.

Consequentemente, impõe-se distinguir entre metáfora/metonímia *conceptual* e metáfora/metonímia *linguística* (ou de outra natureza semiótica, como gestual, pictórica, etc.). As metáforas e metonímias conceptuais são esquemas abstratos de pensamento, que se manifestam de muitas formas, sendo a linguagem uma dessas formas. As metáforas/metonímias linguísticas podem variar de uma língua para outra e ser manifestações de uma mesma metáfora/metonímia conceptual. As metáforas/metonímias conceptuais podem instanciar-se tanto no léxico como na gramática (e.g. PANTHER, THORNBURG, BARCELONA, 2009, SOARES DA SILVA, 2006).

Especificamente, a metáfora conceptual constitui um esquema ou padrão conceptual sob a forma X É Y, como por exemplo VIDA É VIAGEM, COMPREENDER É VER ou POLÍTICA É GUERRA, e envolve um conjunto sistemático de correspondências entre os respectivos domínios conceptuais origem (Y) e alvo (X), quer associações entre elementos dos dois domínios ou correspondências ontológicas quer inferências ou correspondências epistémicas. O mapeamento é sistemático, parcial, unidirecional e geralmente torna-se automático e inconsciente.

Tendemos a conceptualizar domínios mais abstratos e intangíveis em termos de domínios mais concretos e imediatos. Diferentes metáforas conceptuais combinam-se em redes e hierarquias.

Por sua vez, a metonímia conceptual constitui um esquema ou padrão conceptual sob a forma X ESTÁ POR Y, como por exemplo CONTINENTE PELO CONTEÚDO, PARTE PELO TODO ou EFEITO PELA CAUSA, sendo a origem X e o alvo Y dois subdomínios de um mesmo domínio conceptual, associados por uma relação de contiguidade espacial ou categorial. O mapeamento metonímico conduz a uma ativação mental de um subdomínio menos saliente, o alvo Y (que se torna a *zona ativada*), por referência a um subdomínio mais saliente, a origem X (que serve de *ponto de referência*).

## Desenvolvimentos da TMC

Um dos principais desenvolvimentos da TMC decorre do questionamento da terceira ideia acima referida, isto é, do princípio da motivação experiencial da metáfora conceptual e, especificamente, da questão de saber como é que determinado domínio conceptual é selecionado e se convencionaliza como domínio origem para a conceptualização do domínio alvo. A discussão desta questão conduziu à distinção entre metáfora *complexa* e metáfora *primária* e à chamada Teoria da Metáfora Primária. No seu famoso e influente estudo sobre a metáfora conceptual TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, Grady (1997) mostrou que esta metáfora é *complexa*, sendo constituída por duas metáforas *primárias* motivadas independentemente: ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA

FÍSICA e MANTER É PERMANECER EM PÉ. Assim se explica, argumenta Grady (1997), que determinadas correspondências se tenham convencionalizado, como *fundações*, *fundamentos* ou *bases* de uma teoria, e outras não, como *paredes* de uma teoria: aquela, mas não esta última, entra na combinação das duas metáforas primárias. Compreende-se também que uma possível conceptualização metafórica alternativa das teorias, como TEORIAS SÃO FÁBRICAS, se distinga de TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, porque aquela possível metáfora complexa cria correspondências que não implicam a metáfora primária MANTER É PERMANECER EM PÉ.

A principal vantagem da Teoria da Metáfora Primária, integrada na TMC por Lakoff & Johnson (1999), é poder justificar o princípio da motivação experiencial da metáfora – e, por extensão, o princípio da *corporização* (“embodiment”) do pensamento e da linguagem (LAKOFF; JOHNSON, 1999, GIBBS, 2006) –, mostrando que todas as metáforas primárias podem estar diretamente relacionadas com a experiência (principalmente individual, sensório-motora), o que não acontece com todas as metáforas complexas. Lakoff & Johnson (1999) advogam que a cognição metafórica, bem como toda a cognição, é *corporizada*.

Paralelamente, a Teoria da Metáfora Primária e, conseqüentemente, a TMC são complementadas pela Teoria do Esquemas Imagéticos, originariamente elaborada por Lakoff (1987) e, sobretudo, Johnson (1987) e desenvolvida em Hampe (2005) e por Gibbs (2006). Efetivamente, a natureza sensório-motora das metáforas primárias baseia-se em *esquemas imagéticos*, isto é, padrões dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação de objetos e de

interações perceptivas, que emergem da experiência mais básica, como CAMINHO, ORIGEM-PERCURSO-META, EM CIMA-EM BAIXO, diversos esquemas de FORÇA, entre muitos outros. Evidências psicológicas das metáforas primárias e da sua fundamentação em esquemas imagéticos têm sido apresentadas por psicólogos como Mandler (2004), nos seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, e Casasanto (2009) e Pecher et al. (2011), demonstrando a natureza psicológica e independente da linguagem das metáforas primárias.

Todavia, um problema da Teoria da Metáfora Primária é saber se as metáforas primárias são realmente metáforas. Considerando que as metáforas primárias se baseiam em correlações entre experiências sensório-motoras e experiências subjetivas e essas correlações não implicam necessariamente similaridades entre domínios conceptuais diferentes mas associações por contiguidade, então a hipótese alternativa é admitir que o que se designa por metáfora primária não é metáfora mas *metonímia primária* (BARCELONA, 2000, PANTHER; THORNBURG, 2003, STEEN, 2007). Problema maior e de maiores implicações, e ainda relacionado com a questão da *origem da metáfora*, é o da motivação da metáfora, sobretudo da metáfora complexa. Na verdade, a metáfora primária orienta a metáfora complexa, mas não é suficiente para a explicar ou motivar. Tal como o princípio da *corporização* do pensamento e da linguagem não se reduz a aspetos neurofisiológicos da experiência individual, ao contrário do que Lakoff & Johnson (1999) advogam, também a questão da motivação ou origem da metáfora conceptual não pode prescindir dos aspetos sociais, culturais e históricos da experiência coletiva, como veremos na secção seguinte.

O mesmo problema e a mesma observação crítica valem para o desenvolvimento neurocientífico da TMC, isto é, a Teoria Neuronal da Metáfora, desenvolvida por Lakoff e seus colaboradores e sintetizada em Lakoff (2008) e apresentada como o fundamento e a prova neurológica da metáfora conceptual. Coulson (2008) faz uma síntese dos estudos sobre os fundamentos neurofisiológicos da metáfora. Mesmo que as metáforas primárias e os esquemas imagéticos em que aquelas se baseiam sejam neurologicamente estabelecidos, na medida em que as correlações cognitivas que ativam se estabelecem neurologicamente nos nossos cérebros, isso não chega para explicar a origem e a motivação da metáfora conceptual.

Já não propriamente um desenvolvimento da TMC, mas uma expansão ou mesmo, até certo ponto, um concorrente, é a Teoria da Integração Conceptual, elaborada por Fauconnier & Turner (1998, 2002) como desenvolvimento da Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1985, 1997). A integração (ou mesclagem, “blending”) conceptual é uma operação cognitiva que combina dois ou mais *espaços mentais* de entrada que partilham uma estrutura comum representada no chamado *espaço genérico* e se fundem no *espaço integrado*, o qual herda parte da estrutura dos espaços de entrada e do qual emerge uma estrutura nova e própria. Comparando com a metáfora, que permite compreender X através de Y, a integração conceptual combina X e Y para obter Z como algo de novo. Além disso, a Teoria da Integração Conceptual presta mais atenção ao processo discursivo e o próprio processo de integração conceptual é mais abrangente do que a metáfora, havendo pois integrações metafóricas e não metafóricas.

## **Problemas e novos rumos da TMC ou a *nova* Teoria Contemporânea da Metáfora**

A TMC de Lakoff & Johnson (1980, 1999) e seus colaboradores e seguidores ou, para melhor delimitação, a teoria padrão da TMC não só tem recebido os desafios e desenvolvimentos que acabaram de ser referidos, como tem sido, sobretudo a partir dos últimos 15 anos, amplamente problematizada e criticada, mesmo dentro da Linguística Cognitiva (ver, por exemplo, as críticas filosóficas de Leezenberg, 2001, Rakova, 2002, 2003 e Haser, 2005, as críticas psicológicas de Glucksberg, 2008 e as críticas linguísticas de Bernárdez, 2008a, 2008b; ver também as recentes avaliações da TMC de Gibbs, 2011, Kövecses, 2011, Ruiz de Mendoza Ibáñez & Pérez Hernández, 2011 e Steen, 2007, 2011, 2014). Um dos maiores problemas da teoria padrão da metáfora conceptual tem a ver com a falta de evidências suficientes sobre a realidade psicológica das metáforas complexas, o que sugere que o alegado poder conceptual da metáfora pode ser mais limitado do que o que se pensava.

São as novas respostas aos velhos problemas e as novas questões, bem como os novos rumos tomados nos últimos anos que constituem, e adaptando a designação de Lakoff (1993), a *nova* Teoria Contemporânea da Metáfora (STEEN, 2011). Esta nova teoria caracteriza-se por três novos rumos complementares na abordagem cognitiva da metáfora: (i) a metáfora não é apenas um fenômeno do pensamento e da linguagem, mas é também um fenômeno da comunicação, sendo o discurso verbal ou não-verbal ou ainda o discurso multimodal o seu lugar mais natural, donde passar-se da metáfora no pensamento para a metáfora no

pensamento e no discurso; (ii) a metáfora implica uma abordagem não apenas psicológica mas também social e cultural, donde a hipótese inicial da metáfora conceptual universal, porque neuropsicologicamente fundamentada, deve dar lugar à hipótese da metáfora conceptual culturalmente específica; (iii) as velhas e as novas hipóteses sobre a metáfora conceptual têm que ser empiricamente testadas, donde os estudos empíricos e quantitativos da metáfora. Em síntese, a nova teoria contemporânea da metáfora implica uma abordagem integrada das relações entre cognição, sociedade-cultura e discurso e uma metodologia empírica baseada em métodos quantitativos e multifatoriais avançados.

Um dos mais estimulantes e produtivos novos rumos da teoria contemporânea da metáfora é o estudo da metáfora no discurso e em diferentes gêneros discursivos. A partir dos inícios do novo milénio, intensificam-se os estudos sobre a natureza e as funções da metáfora conceptual no discurso (ver a síntese de Semino, 2008 e também Musolff & Zinken, 2009) e em diversos discursos, como o literário (e.g. Freeman, 2000, Brône & Vandaele, 2009), o político (e.g. o próprio Lakoff 2002, 2004 e Chilton, 2004, Musolff, 2004, Charteris-Black, 2005), o económico (e.g. Koller, 2004, Herrera-Soler & White, 2012), o publicitário (e.g. Forceville, 1996, 2008, 2010), o religioso (e.g. Feyaerts, 2003), o multimodal (Forceville & Urios-Aparasi, 2009, Forceville, 2006, 2010), entre outros. São várias as vantagens da abordagem cognitiva e discursiva da metáfora. Em primeiro lugar, evidencia-se que a metáfora conceptual só pode emergir em contextos efetivos do uso da língua ou de outras formas de comunicação, em situações comunicativas determinadas e em interações sociais. Consequentemente, a perspectiva



universalista e descontextualizada da metáfora, característica da teoria padrão da metáfora conceptual, é substituída por uma perspectiva sócio-cognitiva centrada no discurso e maximamente contextualizada, em perfeita sintonia com a vocação da Linguística Cognitiva como modelo centrado no uso da língua (GEERAERTS, 2010). Em segundo lugar, o estudo da metáfora no discurso permite dar conta de duas questões importantes, não resolvidas pela teoria padrão da metáfora conceptual. Uma é a questão identificacional e tem a ver com a definição dos critérios objetivos de identificação da metáfora nos textos: a resposta foi dada pelo grupo Pragglejaz (acrónimo de um grupo de conceituados investigadores da metáfora conceptual) sob a designação de Procedimento de Identificação da Metáfora (PRAGGLEJAZ, 2007) e outras respostas têm utilizado técnicas automáticas de análise textual e métodos avançados de linguística de corpus, que referiremos no final desta secção. A outra questão é funcional e tem permitido caracterizar o papel da metáfora no discurso, especificamente as suas funções persuasiva, manipuladora, emotiva, mítica e ideológica (donde a sinergia entre a TMC e a Análise Crítica do Discurso: Dirven, Polzenhagen & Wolf 2007, Goatly, 2007). Uma terceira vantagem do estudo da metáfora no discurso inclui a abertura para novas investigações, designadamente os processos psicológicos de uso da metáfora na compreensão do texto (GIBBS, 2011), o modo como as metáforas são socialmente partilhadas entre os membros de uma comunidade (CAMERON, 2007) e a evolução da metáfora ao longo do tempo (ALLAN, 2009, DÍAZ-VERA, 2014).

Um outro novo rumo, não menos estimulante, da nova teoria contemporânea da metáfora, complementar do anterior, tem questionado a perspetiva neurofisiológica e universalista da teoria

padrão, assente no princípio da *corporização* individual, evidenciando que a metáfora tem origens histórica e culturalmente específicas, sendo pois um fenómeno cognitivo *socioculturalmente situado*. Esta perspetiva cognitivo-cultural ou sociocognitiva da metáfora acompanha e reflete a *viragem social* da Linguística Cognitiva nos últimos anos (GEERAERTS, 2005) ou, mais extensamente, a evolução da concepção de *cognição* explorada pela “segunda geração” de ciências cognitivas e da própria Linguística Cognitiva, designadamente a mudança da hipótese da *cognição corporizada* para a hipótese da *cognição socioculturalmente situada* ou *cognição coletiva, sinérgica* ou ainda *cognição social* ou, por outras palavras, a mudança da noção-chave de *corporização* (“embodiment”) para a noção-chave de *situacionalidade* (“situatedness”) (BERNÁRDEZ, 2008a, 2008b, FRANK, et al. 2008, ZLATEV, et al. 2008, PISHWA, 2009, SOARES DA SILVA, 2009). Alguns estudos comprovam que supostas metáforas gerais ou universais são afinal culturalmente específicas: por exemplo, Geeraerts & Grondelaers (1995) mostram como a teoria medieval dos quatro humores está na origem das metáforas conceptuais das emoções, contrariando assim a interpretação universalista de Lakoff & Kövecses (1987); Shore (1995) mostra como para o povo samoano os esquemas imagéticos À FRENTE-ATRÁS e CENTRO-PERIFERIA estão relacionados com a organização geográfica e social das suas aldeias e assim ganham determinados significados metafóricos sociais e morais. Outros estudos mais extensivos sobre *modelos cognitivos culturais* (DIRVEN, FRANK & PÜTZ, 2003) ou *conceptualizações culturais* (SHARIFIAN, 2011) na origem e no resultado da metáfora conceptual ou, mais diretamente, estudos sobre *metáfora cultural* são os estudos interculturais de

Sharifian et al. (2008) e Yu (1998, 2009) sobre a conceptualização de partes do corpo e de emoções (também SORIANO, 2003 e KÖVECSES, 2005) e os estudos sócio-históricos de Allan (2009) e Díaz-Vera (2014).

Finalmente, temos os estudos empíricos sobre a metáfora conceptual, metodologicamente implicados tanto pela abordagem cognitivo-discursiva como pela abordagem sócio-cognitiva ou cognitivo-cultural da metáfora e em linha com a *viragem empírica* da Linguística Cognitiva (GEERAERTS, 2006). Estes estudos empíricos incluem quer técnicas avançadas de linguística de corpus para a identificação manual e automática da metáfora (CHARTERIS-BLACK, 2004, MASON, 2004, DEIGAN, 2005, STEFANOWITCH & GRIES, 2006, GLYNN & FISCHER, 2010 e SARDINHA, 2011), quer métodos experimentais (GIBBS, 2006, COULSON, 2008). Merece referência particular o *método do domínio alvo* de identificação de metáforas num *corpus*, proposto por Stefanowitsch (2006), que consiste em procurar expressões metafóricas a partir de itens lexicais pertencentes ao domínio alvo. Tal método permite um inventário mais completo de expressões metafóricas, evitando negligenciar domínios origem relevantes e ignorar referências literais ao domínio alvo.

## **Os contributos do presente volume**

Este volume comemora os 35 anos de publicação de *Metaphors we live by* (Metáforas da Vida Cotidiana, tradução brasileira). Considerando que a obra de Lakoff & Johnson trouxe novo fôlego não apenas aos estudos de semântica, mas também à compreensão geral do funcionamento de sistemas cognitivos relacionados à linguagem e ao

pensamento, as contribuições aqui apresentadas discutem as virtudes e vicissitudes da Teoria da Metáfora Conceptual como figura central nos estudos de semântica cognitiva contemporâneos. Essas discussões versam sobre os desdobramentos da Linguística Cognitiva, de maneira geral, após a publicação da Obra, assim como as correlações estabelecidas entre a metáfora conceptual e os domínios cognitivos investigados por outros teóricos da ciência (Talmy, Langacker, Fauconnier e Turner, etc.).

Assim, os artigos a seguir refletem sobre as questões discursivas, culturais e até ideológicas, geralmente insuficientes no contexto geral da TMC padrão; as conexões entre a TMC e as diversas teorias conceptuais, dentro do arcabouço específico da linguística cognitiva, a exemplo da metáfora primária; e a descrição dos usos das metáforas conceituais, sua aplicação para as diferentes áreas de conhecimento, e sua capacidade de modelar a (e modelar-se pela) comunicação social e a cultura.

A discussão sobre a relação entre metáfora, discurso e sociedade é introduzida neste volume pelo artigo de Feltes, Pelosi, Cameron e Ferreira, “Metaphors, metonymies and empathy in focal groups talk about urban violence in Brazil: a dynamic discourse approach”, no qual as autoras investigam as metáforas e metonímias utilizadas para descrever as percepções dos sujeitos pesquisados sobre a violência urbana no Brasil. Em seus achados, as autoras descrevem a metáfora SOCIAL LANDSCAPE, e a metáfora CONTAINER, por meio das quais os participantes expressam sentimentos de segurança/insegurança, considerando suas experiências pessoais como vítimas de violência e mostram empatia com relação a seus agressores.

Em “Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa”, Soares da Silva estuda a conceptualização metafórica das políticas de austeridade na imprensa portuguesa e seu propósito ideológico. Seu estudo adota uma visão sociocognitiva da linguagem seguindo a convergência entre Linguística Cognitiva e Análise Crítica do Discurso, com uma abordagem à metáfora conceptual centrada no corpus e no discurso. As metáforas constantes em sua descrição são socialmente corporificadas, se fundamentam em modelos culturais morais e servem a propósitos ideológicos, emocionais e morais.

O artigo de Teixeira, por sua vez, descreve as relações de oposição e negociação entre a Grécia e a União Europeia, a partir de dados coletados na mídia portuguesa. Dessa forma, “Metáforas da crise cotidiana: os media e a veiculação da crise grega”, descreve a partir de uma estrutura metafórica de base - os domínios JOGO e LUTA - a importância e a força que a metáfora conceptual possui como mecanismo linguístico e cognitivo de construção de percepções, defesa de pontos de vista e fundamento de perspectivas ideológicas.

Já em “Uso da metaforicidade como estratégia argumentativa de Luciana Genro em um debate eleitoral televisivo: aspectos sociocognitivos, situados e interacionais”, Freitas investiga como o uso de metáforas opera na construção de sentidos e contribui para as estratégias argumentativas empregadas pela candidata à presidência da República, Luciana Genro, em um debate eleitoral televisivo. As metáforas empregadas pela candidata com a finalidade de convencer, podem revelar a perspectiva de que a metaforicidade é um fenômeno da coletividade, capaz de persuadir.

No que diz respeito ao trabalho de descrição de metáforas conceituais empregadas no discurso das diversas áreas de conhecimento, Mourão e Lima, em seu artigo “Metáforas na linguagem especializada da patente de invenção” analisam os usos metafóricos em documentos de patentes de invenção biotecnológicas europeias, seguindo as propostas metodológicas da Linguística de Corpus. Os autores observaram como os redatores de patentes usam vários tipos de metáforas no processo descritivo e reivindicatório de uma patente de invenção.

Em “Expressões idiomáticas metafóricas: ALIMENTO como domínio-fonte para PROBLEMA em discursos sobre economia e política”, Andrade e Nascimento descrevem a realização de expressões idiomáticas metafóricas, cujos mapeamentos envolvem o agenciamento do domínio-fonte ALIMENTO para a compreensão do domínio-alvo PROBLEMA, em gêneros jornalísticos sobre política e economia. Seus achados sugerem que a atualização dessa metáfora em diversas expressões catalogadas formam duas categorias de conceptualização, o que confere usos argumentativos diferentes no discurso jornalístico sobre política e economia.

Morato e Siman, no artigo “Metáforas da Doença de Alzheimer: entre o metadiscurso científico e a vida cotidiana”, por sua vez, discutem a emergência de metáforas no discurso de especialistas e leigos ao se referirem à Doença de Alzheimer (DA). Seu trabalho focaliza particularmente os modos de agir intencional atribuídos à DA que, além de evocarem determinados frames, o fazem de modo a personificar a patologia como um invasor, um inimigo, etc.

Em “Impactos da teoria da metáfora conceitual sobre a lexicografia: o caso de Macmillan English Dictionary for Advanced Learners”, Brangel aborda a lacuna da abordagem conceptual da metáfora no âmbito da lexicografia. Em seu trabalho, a autora analisa o caso distinto de Macmillan English Dictionary, que disponibiliza quadros de usos metafóricos compilados com base na Teoria da Metáfora Conceitual, cujo objetivo é esclarecer a relação entre significados literais e metafóricos. Discute ainda as possíveis contribuições desse modelo para a compilação de dicionários escolares de língua portuguesa.

Em “Metáfora e mesclagem em expressões cotidianas”, Bernardo, Velozo e Silva analisam excertos conversacionais retirados do Banco de Dados Interacionais (RONCARATI, 1996). Entre essas unidades, foram encontradas 82 expressões metafóricas básicas que revelam a subjacência de domínios fonte e alvo amplamente apontados na literatura: RECIPIENTE; ESPAÇO; SUBSTÂNCIA; TRAJETÓRIA; DISCUSSÃO; IDEIA/PENSAMENTO; QUANTIDADE/ESCALA.

A abordagem da metáfora conceitual e sua ação na organização do discurso, da comunicação e da cultura está representada nesse volume, inicialmente, pelo trabalho de Batóreo sobre “Competência metafórica e a Linguística Cultural: Exemplo de conceptualização das emoções em Chinês e na cultura ocidental”. A autora analisa e discute a noção de competência metafórica que, ao lado dos outros tipos de competências – tais como a comunicativa e a(s) linguística(s) – torna o falante fluente e apropriado conceptualmente. Sua análise centra-se na conceptualização das emoções, tais como, por exemplo, a tristeza profunda, a raiva ou o sentimento de lealdade, contrastando a língua e a cultura chinesas, por um lado, e a cultura ocidental, por outro,

exemplificando esta última com a língua e cultura portuguesas. A autora defende ainda que a competência metafórica, sendo ancorada culturalmente, desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem (sobretudo a linguagem figurada).

Ferrari e Pinheiro, por sua vez, descrevem expressões metafóricas associadas à comunicação verbal no português brasileiro, a partir da TMC da Teoria da Mesclagem (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Em seu artigo “Tricotar, alfinetar, rasgar o verbo: A comunicação verbal para além da metáfora do conduto”, os autores descrevem e analisam a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL, demonstrando que as correspondências metafóricas que a sustentam podem ser motivadas por dois tipos de *construals*: (i) a conceptualização do discurso como tecido; e (ii) a conceptualização do discurso como ação sobre tecido.

No artigo “A polissemia do cabra à luz da teoria da metáfora conceptual”, Cavalcanti discute, à luz da TMC, a polissemia da expressão cabra expressão convencional cabra usada por membros da comunidade nordestina brasileira, para referir-se, além do dito animal, a homem em geral ou a certos tipos de homens. O autor analisa os mapeamentos metonímicos e metafóricos que motivam conceitos mais abstratos estruturados por palavras polissêmicas.

Em “Recategorização metafórica no gênero notícia satírica”, Monteiro investiga como o processo da recategorização metafórica contribui para a construção de sentidos do gênero notícia satírica. A autora analisa o processo de recategorização metafórica em três notícias satíricas publicadas pelo portal Sensacionalista, referentes às eleições presidenciais de 2014, com base na Teoria dos Modelos



Cognitivos Idealizados, mais especificamente, na concepção de modelos cognitivos metafóricos desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987).

Fechamos essa edição com uma tradução por Erik Martins do artigo de Michiel Leezenberg, “From Cognitive Linguistics to Social Science: Thirty Years after Metaphors We Live By” (Da Linguística Cognitiva à ciência social: 30 anos após Metáforas da Vida Cotidiana), publicado por ocasião do 30º aniversário de publicação de *Metaphors we live by*, em edição especial do *Journal of Cognitive Semiotics*.

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica Portuguesa (Braga)

Jan Edson Rodrigues Leite

Universidade Federal da Paraíba

## Organizadores

## Referências

ALLAN, Kathryn. *Metaphor and Metonymy. A Diachronic Approach*. London: Wiley-Blackwell, 2009.

BARCELONA, Antonio (ed.). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura. Una Crítica del Discurso sobre el Lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial, 2008a.

\_\_\_\_\_. Collective cognition and individual activity: Variation, language and culture. In Roslyn M. FRANK, René DIRVEN, Tom ZIEMKE & Enrique BERNÁRDEZ

(eds.), *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 137-166, 2008b.

BRÔNE, Geert & Jeroen VANDAELE (eds.). *Cognitive Poetics. Goals, Gains and Gaps*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

CAMERON, Lynne J. Confrontation or complementarity? Metaphor in language and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics* 5: 107-136, 2007.

CASASANTO, Daniel. When is a linguistic metaphor a conceptual metaphor? In Vyvyan EVANS & Stéphanie POURCEL (eds.), *New Directions in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 127-146, 2009.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. Basingstoke: Palgrave, 2004.

\_\_\_\_\_. *Politicians and Rhetoric. The Persuasive Power of Metaphor*. Basingstoke: Palgrave, 2005.

CHILTON, Paul. *Analysing Political Discourse: Theory and Practice*. London: Routledge.

COULSON, Seana (2008). Metaphor comprehension and the brain. In Raymond W. GIBBS (ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 177-194, 2004.

DABROWSKA, Ewa & Dagmar DIVJAK (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015.

DEIGNAN, Alice. *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DÍAZ-VERA, Javier E. (ed.) *Metaphor and Metonymy across Time and Cultures. Perspectives on the Sociohistorical Linguistics of Figurative Language*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2014.

DIRVEN, René, Roslyn FRANK & Martin PÜTZ (eds.). *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

DIRVEN, René, Frank POLZENHAGEN & Hans-Georg WOLF. Cognitive Linguistics, Ideology, and Critical Discourse Analysis. In Dirk GEERAERTS & Hubert CUYCKENS (eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1222-1240, 2007.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.

\_\_\_\_\_. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles & Mark TURNER. Conceptual integration networks. *Cognitive Science* 22 (2): 133-187, 1998.

\_\_\_\_\_. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FEYAERTS, Kurt (ed.). *The Bible through Metaphor and Translation: A Cognitive Semantic Perspective*. Frankfurt am Main: Peter Lang Verlag, 2003.

FORCEVILLE, Charles. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London: Routledge, 1996.

\_\_\_\_\_. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In Gitte KRISTIANSEN, Michel ACHARD, René DIRVEN & Francisco J. Ruiz de Mendoza Ibáñez (eds.), *Cognitive Linguistics: Current Applications and Future Perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 379-402, 2006.

\_\_\_\_\_. Metaphors in pictures and multimodal representations. In Raymond W. GIBBS (ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 462-482, 2008.

\_\_\_\_\_. Why and how study metaphor, metonymy, and other tropes in multimodal discourse? In Augusto SOARES DA SILVA, J. Cândido Martins, Luísa MAGALHÃES & Miguel GONÇALVES (eds.), *Comunicação, Cognição e Media*. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 41-60, 2010.

FORCEVILLE, Charles J. & Eduardo URIOS-APARISI (eds.) *Multimodal Metaphor*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FRANK, Roslyn M., René DIRVEN, Tom ZIEMKE & Enrique BERNÁRDEZ (eds.). *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

FREEMAN, Margaret H. Poetry and the scope of metaphor: toward a cognitive theory of literature. In Antonio BARCELONA (ed.), *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive Perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 253-281, 2000.

GEERAERTS, Dirk. Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics. In Francisco J. Ruiz de Mendoza IBAÑEZ & Sandra PEÑA CERVEL (eds.), *Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 163-189, 2005.

\_\_\_\_\_. Methodology in Cognitive Linguistics. In Gitte KRISTIANSEN, Michel ACHARD, René DIRVEN & Francisco Ruiz de Mendoza IBAÑEZ (eds.), *Cognitive Linguistics. Current Applications and Future Perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 21-49, 2006.

\_\_\_\_\_. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GEERAERTS, Dirk & Hubert CUYCKENS (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

GEERAERTS, Dirk & Stefan GRONDELAERS. Looking back at anger: Cultural traditions and metaphorical patterns. In John TAYLOR & Robert E. MACLAURY (eds.), *Language and the Cognitive Construal of the World*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 153-179, 1995.

GIBBS, Raymond W. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. Evaluating conceptual metaphor theory. *Discourse Processes* 48 (8): 529-562, 2011.

GLUCKSBERG, Sam. How metaphors create categories – quickly. In Raymond W. GIBBS (ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 67-83, 2008.

GLYNN, Dylan & KERSTIN Fischer (eds.) *Quantitative Methods in Cognitive Semantics: Corpus-driven approaches*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010.

GOATLY, Andrew. *Washing the Brain. Metaphor and Hidden Ideology*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

GRADY, Joseph. THEORIES ARE BUILDINGS revisited. *Cognitive Linguistics* 8: 267-290.

HAMPE, Beate (ed.) (2005). *From Perception to Meaning. Image schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

HASER, Verena. *Metaphor, Metonymy, and Experientialist Philosophy: Challenging Cognitive Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005.

HERRERA-SOLER, Honesto & Michael WHITE (eds.). *Metaphor and Mills. Figurative Language in Business and Economics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2012.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KOLLER, Veronika. *Metaphor and Gender in Business Media Discourse: A Critical Cognitive Study*. Basingstoke: Palgrave, 2004.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor. A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphor in Culture. Universality and Variation*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. Recent developments in metaphor theory. Are the new views rival ones?. *Review of Cognitive Linguistics* 9 (1): 11-25, 2011.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The Contemporary Theory of Metaphor. In Andrew Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251, 1993.

\_\_\_\_\_. *Moral Politics. How Liberals and Conservatives Think*. 2<sup>nd</sup> ed. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Don't Think of Elephant! Know your Values and Frame the Debate: The Essential Guide for Progressives*. New York: Chelsea Green, 2004.

\_\_\_\_\_. The neural theory of metaphor. In Raymond W. Gibbs (ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 17-38, 2008.

LAKOFF, George & Mark JOHNSON. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

- \_\_\_\_\_. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George & Zoltán KÖVECSES. The cognitive model of anger inherent in American English. In Dorothy Holland & Naomi Quinn (eds.), *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 195-221, 1987.
- LAKOFF, George & Mark TURNER. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- LEEZENBERG, Michiel. *Contexts of Metaphor*. Amsterdam: Elsevier Science, 2001.
- MANDLER, Jean M. *The Foundations of Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- MASON, Zachary J. CorMet: A computational, corpus-based conventional metaphor extraction system. *Computational Linguistics* 30: 23-44, 2004.
- MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and Political Discourse. Analogical Reasoning in Debates about Europe*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- MUSOLFF, Andreas & Jorg ZINKEN (eds.) *Metaphor and Discourse*. Basingstoke: Palgrave, 2009.
- PRAGGLEJAZ. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol* 22: 1-39, 2007.
- PANTHER, Klaus-Uwe & Linda THORNBURG (eds.) *Metonymy and Pragmatic Inferencing*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- PANTHER, Klaus-Uwe, Linda L. THORNBURG & Antonio BARCELONA (eds.) *Metonymy and Metaphor in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- PECHER, Diane, Inge BOOT & Saskia van DANTZIG. Abstract concepts: Sensory-motor grounding, metaphors, and beyond. In B. Ross (ed.), *The Psychology of Learning and Motivation*, Vol. 54. Burlington: Academic Press, 217-248, 2011.
- PISHWA, Hanna (ed.) *Language and Social Cognition. Expression of the Social Mind*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- RAKOVA, Marina. The philosophy of embodied realism: A high price to pay? *Cognitive Linguistics* 13-3, 215-244, 2002.
- \_\_\_\_\_. *The Extent of the Literal. Metaphor, Polysemy, and Theories of Concepts*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, Francisco José & Lorena Pérez HERNÁNDEZ. The Contemporary Theory of Metaphor: Myths, developments and challenges. *Metaphor and Symbol* 26 (3): 161-185, 2011.
- SARDINHA, Tony Berber. Metaphor and Corpus Linguistics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 11 (2): 329-360, 2011.
- SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Conceptualizations and Language: Theoretical framework and applications*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

SHARIFIAN, Farzad, René DIRVEN, Ning YU & Susanne NIEMEIER (eds.) *Culture, Body, and Language. Conceptualizations of Internal Body Organs across Cultures and Languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

SHORE, Bradd. *Culture in Mind. Cognition, Culture, and the Problem of Meaning*. New York: Oxford University Press, 2008.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

\_\_\_\_\_. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos? In Alexandra FIÉIS & Antónia COUTINHO (eds.), *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 511-525, 2009.

SORIANO, Cristina. Some anger metaphors in Spanish and English. A contrastive view. *Journal of English Studies* 3 (2): 107-122, 2003.

STEEN, Gerard J. *Finding Metaphor in Grammar and Usage: A methodological analysis of theory and research*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

\_\_\_\_\_. The Contemporary Theory of Metaphor – Now new and improved! *Review of Cognitive Linguistics* 9 (1): 26-64, 2011.

\_\_\_\_\_. The Cognitive-Linguistic revolution in metaphor studies. In Jeanette LITTLEMORE & John R. TAYLOR (eds.), *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*. London: Bloomsbury Publishing, 117-142, 2014.

STEFANOWITSCH, Anatol. Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy. In Anatol STEFANOWITSCH & Stephan Th. GRIES (eds.), *Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1-16, 2006.

STEFANOWITSCH, Anatol & Stefan Th. GRIES. *Corpus-Based Approaches to Metaphor and Metonymy*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

YU, Ning. *The Contemporary Theory of Metaphor. A Perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

\_\_\_\_\_. *The Chinese Heart in a Cognitive Perspective. Culture, Body, and Language*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

ZLATEV, Jordan, Timothy P. Racine, Chris Sinha & Esa Itkonen (eds.) *The Shared Mind: Perspectives on Intersubjectivity*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

## **Organizadores**

Augusto Soares da Silva (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

Jan Edson Rodrigues Leite (Universidade Federal da Paraíba)

## **Comitê Científico desta Edição**

Ana Cristina Pelosi (Universidade Federal do Ceará)

Ariadne Almeida (Universidade Federal da Bahia)

Augusto Soares da Silva (Universidade Católica Portuguesa - Braga)

Hanna Batoréo (Universidade Aberta - Lisboa)

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (Universidade de Caxias do Sul)

Lilian Vieira Ferrari (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Jan Edson Rodrigues Leite (Universidade Federal da Paraíba)

Paula Lenz Costa Lima (Universidade Estadual do Ceará)

Edwiges Morato (Universidade Estadual de Campinas)

Heronides Moura (Universidade Federal de Santa Catarina)

Tony Berber Sardinha (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

José Teixeira (Universidade do Minho)

Solange Vereza (Universidade Federal Fluminense)